

A EXPERIÊNCIA DA ACELERAÇÃO E O TEMPO DESERTIFICADO: UMA LEITURA DE PAUL VIRILIO

Stefanie Egedy*, Jonnefer Barbosa*

1. Estudante da Faculdade Filosofia, Comunicação, Letras e Ciências Humanas da PUC-SP
2. Professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP

Resumo

A pesquisa delimitou-se na análise e problematização dos conceitos de aceleração, velocidade e espaço na filosofia contemporânea de Paul Virilio, em particular na obra *Velocidade e Política*, publicada em 1977. Os objetivos da pesquisa foram o de catalogar e analisar as implicações políticas da experiência da aceleração, tomando-a como exemplo técnico e filosófico para compreender especificidades do presente, em particular o tema da desertificação dos espaços. A pesquisa se justifica filosoficamente e politicamente, pois além de mobilizar uma série de releituras da tradição filosófica, em transversalidade com os campos da arquitetura, engenharias e ciências militares, Virilio aponta para os efeitos que a velocidade tecnológica provoca nos corpos e na constituição do mundo humano. A pesquisa procedeu metodologicamente por leitura estrutural do texto de Virilio, como forma de apontar as principais relações e implicações de cada conceito envolvido, tendo como resultado uma caracterização da relação entre velocidade e desertificação dos espaços contemporâneos no pensamento do filósofo francês.

Palavras-chave: dromologia; velocidade; corpo.

Apoio financeiro: CNPq

Trabalho selecionado para a JNIC: PUC-SP

Introdução

O estudo se atém à análise dos conceitos de tempo e subjetividade, problematizando o conceito de aceleração na experiência contemporânea. Analisa-se a relação entre aceleração e o tempo desertificado (ou o tempo vazio uniforme) para compreender a implicação dessa temporalidade nas relações políticas.

Metodologia

A pesquisa privilegiou a leitura de obras já consagradas pela tradição de referido tema, com especial destaque ao livro *“Velocidade e Política”*, de Paul Virilio. As obras que complementaram a pesquisa não fugiram ao espectro metodológico original.

Leitura estrutural e analógica das fontes bibliográficas. Análise filológica e comparativa de conceitos e problemas. Metodologicamente optou-se pela leitura estrutural do texto de Virilio, como forma de apontar as principais relações e implicações de cada conceito envolvido, tendo como resultado uma caracterização da relação entre velocidade e desertificação dos espaços contemporâneos no pensamento do filósofo francês.

Resultados e Discussão

Compreensão de um tema de filosofia contemporânea a partir do referencial teórico de Paul Virílio. O resultado é o entendimento das implicações político militares da desvalorização do mundo, da relação entre política, velocidade, guerra, subjetivação e corpo. Dado que para Virilio a guerra é uma questão de velocidade, de sua organização e produção, na contemporaneidade é por meio da política que a guerra acontece e cujo motor são os corpos. Estes são colocados em marcha veloz numa corrida mundial que disputa o espaço e o tempo.

A primeira parte de *“Velocidade e Política”*, *“A Revolução Dromocrática”*, é dividida em duas subpartes, na primeira *“Do direito à rua ao direito ao Estado”*, o autor expõe as massas como produtoras da velocidade indispensável para a ocorrência da tomada do poder no contexto da revolução. Por mais que a massa seja a produtora da velocidade, o seu controle não a pertence, pois esse grupo é massa de manobra nas mãos de uma classe industrial-militar. É essa a classe que capitaliza o movimento e o utiliza para ocupar e controlar os territórios e aquilo que os cerca. Com as revoluções modernas, instaura-se a ditadura do movimento, com a ideia política de nações em marcha. É da massa a atribuição da produção da velocidade. Tal grupo como uma multidão de passantes, multidão motor, isto é, grupo social produtor da velocidade em cenários distintos de seu habitat: a fábrica. Quando vai à rua consegue deixar de ser o substituto técnico da máquina.

Sequencialmente, na questão “Do direito à estrada ao direito ao Estado”, o autor continua a analisar o que foi instaurado pelas revoluções modernas: a ditadura do movimento, a ideia política de nações em marcha. Colocar o proletariado em movimento é essencial para este tipo de política. O governo nazista oferece ao proletariado alemão esportes e transporte, cessam as revoltas e a promessa está na estrada, somada ao objetivo político do Volkswagen. Em “O progresso dromológico” o autor analisa a velocidade do assalto, que num momento anterior ocorria sobre o espaço territorial e depois se transforma quando abandona tanto a terra como os seus obstáculos, ao sumir no horizonte. Ocorre uma ameaça permanente, e não mais há um enfoque num ponto no espaço e no tempo. O domínio agora reside numa estratégia indireta, caracterizada por um deslocamento de forças que não cessa.

A velocidade, nesse ponto, como uma ameaça ao valor do capital, como puro valor, ideia pura e isenta de conteúdo.

“Do direito ao espaço ao direito ao Estado” está em discussão a questão do direito ao mar. O direito ao mar é uma criação ocidental, como posteriormente é o “direito ao espaço aéreo”. A Inglaterra consegue vitórias sem lutar com o adversário continental - lançado e esgotado no limites espaço-temporais. “Guerra Prática” diz respeito à velocidade como a esperança do ocidente e o seu papel de base aos exércitos. O transporte faz da guerra um desgaste cômodo; com o veículo blindado, que circula entre qualquer terreno e não possui obstáculos, a guerra não existe mais. Este é o veículo sem terreno, está em jogo uma nova geometria que é oferecida à velocidade e à violência. Não somente um automóvel, mas também projétil e lançador, que projeta e se projeta. Com tal objeto, faz-se frente a metralhadora alemã - a morte mata a morte. Assim como o taludo marítimo, o campo de batalha restou sem obstáculos, possível de ser percorrido por inteiro pelos engenhos rápidos, os “couraçados da terra”.

“A sociedade dromocrática” discorre sobre os efeitos que a velocidade tecnológica provoca nos corpos; demonstrando como a lógica da corrida, que desinveste da terra e do mundo e investe no vetor de maneira progressiva, realiza um assalto à natureza do homem. Observa-se, de um lado, as elites dromocráticas, que valorizam a mobilidade, já que possuem o conhecimento desta para poder invadir e ocupar uma posição dominante, estimulando-as a sofisticar-se cada vez mais. E, no outro lado, estão os proletários-soldados e os proletários-operários, cujos corpos são despotencializados, são conduzidos para uma morte lenta. Enquanto as elites, ao intensificarem o domínio, desterritorializam, as massas desenraizam, seu habitat é destruído, são privadas de sua identidade, são excluídas, perdem o movimento.

Com o decorrer de diversos conflitos, a partir do século XVII, os problemas de invalidez militar sofrem um agravamento. Paralelamente, a indústria da ortopedia começa a se desenvolver e florescer. Percebe-se que as próteses, máquinas, seriam capazes de substituir o desgaste causado na mecânica dos corpos sobreviveram às máquinas de guerra, os denominados “Corpos Incapazes”. Em “Assalto aos veículos metabólicos”, Virilio anuncia o Assalto e a sua fase extensiva, com mortes rápidas; e a fase preparatória e intensiva, com mortes lentas. “O fim do proletariado” aborda as questões do progresso dromológico e do progresso humano. Ainda que ambos coincidam, não convergem. O que se desdobra, para Virilio são cinco fases: a primeira é a de uma sociedade sem veículo tecnológico, no qual a mulher desempenha o papel de esposa logística, mãe de guerra e caminhão; na segunda há a submissão indistinta dos corpos sem alma como veículos metabólicos; na terceira há o império da velocidade e dos veículos tecnológicos; e por fim há o fim da ditadura do proletariado, fim da História na guerra do tempo. Nesse cenário, na definição Goebbels e Engels, a invenção do militante não propõe apenas uma figura degradada do proletário-soldado. A proletarização operária é apenas uma forma de militarização, uma forma provisória. Em “Uma segurança consumada”, a argumentação se inicia com uma frase do general-presidente Costa Gomes: “A revolução avança mais depressa do que o povo. Isso só é possível, pois as pretensões de revolução no ocidente foram sempre feitas pela instituição militar e não pelo povo.” O liberalismo econômico como um pluralismo liberal da ordem das velocidades de penetração. Em oposição ao modelo pesado do enclave burguês, somado ao controle planejado ostensivo do movimento dos bens, das pessoas, das ideias (o *Mobilmaching* marxista), o ocidente propôs a diversidade de sua hierarquia logística, a utopia de uma riqueza nacional investida no automóvel, na riqueza, nas viagens, no cinema, nas performances.

Estado de emergência expõe o estreitamento das distâncias, que se transformou numa realidade dotada de consequências políticas e econômicas incalculáveis, pois são equivalentes à negação do espaço. Ceder terreno para ganhar tempo perde sentido, o que vale é o ganho de tempo exclusivo aos vetores e o território perdeu significado ante o projétil. O valor estratégico do não-lugar da velocidade suplanta o lugar; e a questão da posse do tempo renova o da posse territorial. Nesse estreitamento geográfico, o binômio fogo-movimento passa a significar a indistinção entre poder de destruição do fogo e o poder de penetração do movimento. Dado o vetor supersônico, penetração e destruição se confundem: a ação à distância com a sua instantaneidade corresponde à derrota do adversário surpreendido, mas também corresponde à derrota do mundo como campo, distância e como matéria.

A destruição das condições do meio se identifica com a penetração imediata. Após a distância-espaço é a distância-tempo que desaparece na aceleração crescente das performances veiculares: precisão, alcance e velocidade.

Da análise da filosofia viriliana, resultam os seguintes conceitos operativos à pesquisa:

- Tempo Desertificado: é tão veloz que desconsidera o espaço, aniquilando-o. O espaço entre um local e outro é neutralizado. Produz espaços nulificados, desertificados. É o tempo da velocidade, o tempo da destruição.

- Aceleração: Dado que tempo e espaço se correspondem, a ideia de aceleração implica um outro tipo de relação com o espaço, que é dado na velocidade.

- Velocidade: Valor a partir do advento da revolução técnica, conecta-se com a revolução política, explicitando-se numa concepção teórica articuladora de velocidade e política. É tempo ganho, é tecnologia.

- Dromologia, Dromocrático, Dromocracia, Domocrata: Neologismos que variam da palavra grega “dromos”, que expressa a ideia de corrida, de curso ou marcha.

- Subjetivação, corpo e velocidade: A velocidade se imprime nos corpos, que marcham e sofrem o ritmo imposto pelo quadro político.

Conclusões

A técnica da automação potencializa a velocidade, a destruição pode ser programada. Com a aceleração potencializada, *tempo e espaço são anulados. A instantaneidade do tempo anula o presente*. O horizonte do futuro veloz é a destruição. Os corpos vivenciam as consequências da velocidade em confronto com o seu tempo biológico, que progressivamente vive a dromocracia manifestada nas relações políticas.

Portanto, quão mais eficiente a gestão política, mais veloz e mais acelerada ela é. Maior é o confronto direto com o corpo humano, que sofre a estranheza de um tempo e de um espaço em progressivo desaparecimento, cujo cenário é o da destruição e cujo panorama é desértico.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles. O Que É Um Dispositivo, 1990. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>>. Acesso em: 22 de fev.2017.

DELEUZE, Gilles. O Ato De Criação, 1999. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/21/deleuze-o-ato-de-criacao/>>. Acesso em: 22 de Fev de 2017.

SANTOS, Laymert Garcia dos. Por que ler Paul Virilio? Prefácio a P. Virilio; S. Lotringer. *Guerra Pura*. São Paulo, Brasiliense, 1984. pp. 7-12.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação da Liberdade, 1996